

ADVISORY BANCOS DE INVESTIMENTO, ADVOGADOS,
AUDITORAS & CONSULTORAS

ENTREVISTA NUNO GALVÃO TELES 'Managing Partner' da MLGTS

“O que se passou na PT e no GES foi terrível para Portugal”

Advocacia Sócio da Morais Leitão está otimista quanto à retoma, mas pede consenso político. E diz que António Costa pode garantir isso.

Filipe Alves
filipe.alves@economico.pt

Nuno Galvão Teles, 'managing partner' da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva (MLGTS), está otimista em relação ao futuro da economia portuguesa, mas considera que só com um consenso entre os principais partidos será possível voltar a crescer de forma sustentada. E diz que o que se passou na PT, com o investimento de 900 milhões na Rioforte, foi ainda mais grave para a reputação de Portugal do que a crise no BES, por se tratar de um problema de 'governance', ao passo que o problema no banco foi um "caso judicial" que poderia acontecer em qualquer país.

O que espera para 2015, no que toca ao desempenho da economia portuguesa?

Espero que 2015 seja melhor que 2014 e bastante melhor que 2013. O país, em termos económicos, tem tido uma evolução positiva, com um esforço muito grande. Os danos que foram causados vão demorar a curar e há muito sofrimento, muitas dores que demoram tempo a passar, mas também houve coisas muito positivas que foram feitas e que a Europa e Portugal estão mais bem preparados em 2015. Vai ser melhor do que 2014 e penso que Portugal vai crescer um pouco mais.

E não existe o risco de voltarmos aos desequilíbrios?

Bem, mas isso é um pouco inevitável, não é? Acho que se há coisa boa que aconteceu em Portugal, dentro deste contexto, que é sempre penalizador, porque o povo português sofreu muito, mas houve coisas que foram positivas. Se há coisa que me irrita na facilidade com que se atrai abaixo em Portugal. A Oposição deve criticar e serve para ter uma opinião política diferente, mas também deve

reconhecer quando as coisas são bem-feitas. E houve algumas coisas que me parecem positivas: a primeira é que houve um retomar da credibilidade para o país e da confiança e em segundo lugar um agitar de águas que foi muito positivo. Em situações de grandes crises, como a que Portugal teve, tudo se põe em causa. E quando as pessoas, as organizações e as empresas se põem em causa, muitas vezes sofrem mas simultaneamente têm uma capacidade de inovar e de fazer frente, das formas mais criativas, aos problemas, que faz com que se evolua. E Portugal precisava, claramente, desse choque. Não eram só as pessoas que estavam acomodadas, mas também as empresas e organizações. Há, por isso, um capital de esperança que deve ser aproveitado, mas espero que a política não atrapalhar esta tendência positiva.

Esse risco existirá com a eventual mudança de maioria governamental, com uma vitória do PS nas legislativas de 2015?

Em política não há nada certo,



António Costa é uma das pessoas, na política, que mais capacidade têm de fazer compromissos e criar os consensos que são absolutamente inevitáveis.

mas vejo com esperança e com ânimo, se houver essa mudança, que o António Costa possa viabilizar uma solução à volta dos compromissos que são necessários para Portugal nos próximos 10 anos. E penso que ele é das pessoas, na política, que mais capacidade têm de fazer compromissos e de criar os consensos que são absolutamente inevitáveis. Para mim é claro que será dramático para o país se o PS e o PSD e o CDS não se conseguirem unir em torno desses objectivos, apesar das diferenças políticas que naturalmente os separam. A viabilidade de uma alternativa à Esquerda do PS hoje em dia é absolutamente inviável.

Voltando ao mercado português, espera que haja mais fusões e aquisições? Por exemplo, o colapso do GES, com a divisão do espólio empresarial do grupo, abriu oportunidades para os escritórios de advogados?

Vai haver necessidade de mais concentração em muitos sectores, até porventura no sector bancário. Em relação ao colapso do GES, só vejo coisas negativas. Houve duas coisas muito negativas para a economia portuguesa nos últimos tempos que foi a crise do GES/BES e a crise da PT. Passou uma imagem terrível de Portugal, sendo mais negativo mesmo assim – exclusivamente na perspectiva da credibilidade do nosso país e das suas empresas para o exterior – o que se passou na PT do que no GES. Uma coisa é um caso judicial, mesmo que aparentemente muito grave, mas que infelizmente acontece ou pode acontecer em qualquer sítio e outra coisa é uma empresa bandeira no nosso mercado de capitais que pura e simplesmente violou – sem qualquer razão aparente – todos os princípios básicos de um saudável 'corporate governance'. E isso sim poderia ter um potencial sistémico terrível. ■



Nuno Galvão Teles, 'managing partner' da MLGTS, faz um balanço positivo da actividade do escritório.

“Reforma do Estado está adiada”

Nuno Galvão Teles considera urgente um consenso entre os partidos do arco da governação.

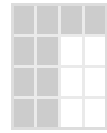
Faria sentido um governo de bloco central?

A mim, governos do bloco central fazem-me sempre confusão e não auguram coisas boas, mas seja com o suporte de uma maioria parlamentar ou não, tem de haver um compromisso em torno de objectivos fundamentais e para os quais a maioria do país tem de estar absolutamente focada. É necessário fazer reformas que ainda não foram feitas e continuar outras que foram iniciadas, em temas

onde o consenso é absolutamente fundamental, nomeadamente em termos de consolidação orçamental, contratos sociais, a justiça, a fiscalidade e a reforma do Estado, que está adiada há 400 anos.



“Não há temas tabu, muito menos o da dívida pública, que é desproporcionada para o produto português.”

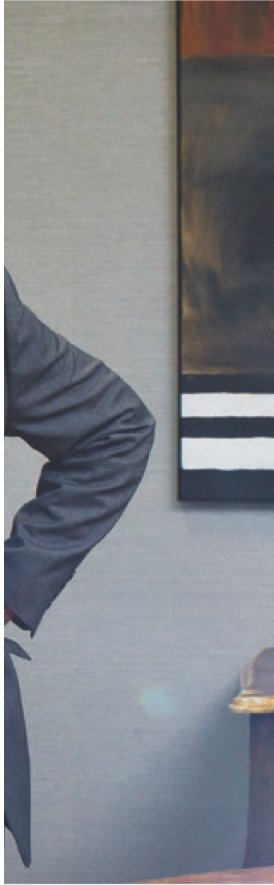
**PONTOS
CHAVE**

● Nuno Galvão Teles considera que o que aconteceu na PT, com o polémico investimento em dívida da Rioforte, foi ainda mais grave do que a crise no Grupo Espírito Santo

e no BES, por se tratar de uma questão de governance. Ambos os casos foram "terríveis" para Portugal, argumenta o "managing partner" da Morais Leitão.

● O "managing partner" da Morais Leitão diz que este ano poderá revelar-se como o melhor de sempre do escritório em facturação, graças aos ganhos de eficiência.

Paulo Figueiredo



“2014 pode ser o nosso melhor ano de sempre em facturação”

O sócio da Morais Leitão está optimista quanto a 2015.

Também no sector da advocacia quebraram algumas formas de estar que havia? Teremos agora um mercado mais competitivo?

Uma das outras coisas que têm a ver com as duas primeiras que eu disse e que são positivas é que, de alguma forma as coisas mudaram em Portugal e estão juntas. As pessoas foram obrigadas a ser mais eficientes e a dar mais valor ao mérito do que ao compadrio, que era uma coisa bastante portuguesa e isso é um sinal bastante positivo e transversal a toda a sociedade, a advocacia não é imune a isso. E qualquer negócio ou actividade que se baseie nesse tipo de coisas é evidente que não vai ter um futuro brilhante. Como nunca foi o nosso caso, não estamos nada preocupados.

Em que áreas de prática vê mais potencial de crescimento?

A advocacia não foi imune ao ciclo da austeridade. E de que maneira. Muitos escritórios e advogados com prática individual e sociedades advogados sofreram bastante com esta crise. Seja como for e também um pouco no contexto que referi, a nossa própria sociedade fez um esforço grande para ser mais eficiente. A crise, nesse sentido, foi benéfica para a própria advocacia, pelo menos nós, do nosso lado, conseguimos fazer duas coisas que eram muito importantes e que porventura tinham sido adiadas: olhar para dentro e ver onde podíamos ser mais eficientes, produtivos e inovadores, e nesse sentido fizemos uma pequena revolução interna, com grande espírito de colaboração de todas as estruturas: advogados e colaboradores que aqui trabalham, conseguimos desenvolver novos instrumentos, reponderar políticas internas, criar novos mecanismos de avaliação, termos capacidades de sermos mais inovadores e criativos nesses processos. Estou muito contente porque foi um esforço enorme, mas com

frutos evidentes.

A maioria das sociedades não divulga dados financeiros. A Morais Leitão divulga os números de 2014?

Não divulgamos para o exterior. Mas estou convencido que, se tudo correr bem durante este ano – evidentemente o último trimestre tem uma grande importância numa sociedade como a nossa – até pode ser o melhor ano de sempre nesta sociedade em termos de facturação absoluta.

E a atitude dos clientes mudou com a crise?

De uma forma geral, mudou. O normal cliente desta sociedade já era bastante exigente e não sinto tanto essa diferença, mas em termos do conjunto do mercado creio que sim.

Vão reforçar a equipa no próximo ano?

Nunca paramos de reforçar a equipa. Este ano fizemos mais de 10 associados e entramos 15 estagiários novos. Isso é absolutamente fundamental para uma instituição como a nossa.

Mudando de tema: a Ordem tem perdido influência. É um problema?

A Ordem tem tido dificuldade em entender o fenómeno das sociedades de advogados e isso é um problema para a classe. Tanto se é advogado em prática individual, como se é advogado nas sociedades de advogados. Nas sociedades modernas, nenhum país Ocidental pode abdicar de ter boas sociedades de advogados. Quanto mais tempo a Ordem levar a entender este fenómeno, mais dificuldade terá em ser verdadeiramente representativa da classe.

E que balanço faz do mandato da actual bastonária?

É ainda cedo para dizer, porque o mandato ainda é curto, mas tenho esperança que, como disse, que a actual bastonária possa inverter o curso das coisas nesse sentido e possa ser a bastonária de todos os advogados. Tenho verdadeira esperança que isso possa acontecer. ■

há 400 anos”

E a dívida pública, que é demasiado elevada?

Não há temas tabu, muito menos esse. E a dívida é, evidente, desproporcionada para o produto português.

Mas como é que se resolve?

Acima de tudo com capacidade de gerir e de liderar. E com consensos. Para que se possa fazer aí alguma coisa tem de haver um consenso generalizado na sociedade portuguesa, protagonizado por esses três partidos (PS, PSD e CDS) e acima de tudo condições na Europa para que em conjunto com os nossos parceiros europeus se possa arranjar uma solução viável. ■